

---

# Três exemplares de cerâmica azul e dourada, provenientes de Alcochete

MIGUEL CORREIA<sup>1</sup>

## R E S U M O

Encontra-se exposto no Núcleo Sede do Museu Municipal de Alcochete um curioso conjunto de três peças cerâmicas completas (uma jarra e dois jarros), enquadráveis no horizonte das produções a azul e dourado do mundo hispano-muçulmano da Baixa Idade Média. A sua descoberta fortuita ocorreu em 1952, em pleno centro histórico da vila de Alcochete, e desde então têm sido consideradas como um testemunho fidedigno da presença árabe em Alcochete. Apesar de se desconhecer o seu contexto arqueológico, a beleza e as características destas peças são de tal modo peculiares pelo que merecem que aqui se faça um estudo mais aprofundado, apresentado nas linhas que se seguem.

## A B S T R A C T

There is a curious collection of three complete pottery pieces (one vase and two jugs) exposed in the Núcleo Sede do Museu Municipal de Alcochete that can be fit with the blue-and-gold industries from the Spanish-Muslim of the Late Middle Age. Those pieces have been discovered unexpectedly in 1952, right in the historical center of Alcochete, and since that date, they have been considered a trustworthy testimony of the Arabian presence in Alcochete. Despite the unknown archaeological context, the beauty and the characteristics of those pieces are as so peculiar that they deserve the deep study that we hereby present.

## 1. Introdução

São ainda escassos os dados relativos às origens da vila de Alcochete. As suspeitas de uma fundação no período islâmico assentam sobretudo no próprio topónimo, reforçadas pela crença da existência de uma mesquita sob os alicerces da Igreja Matriz, actual templo de devoção ao culto de São João Baptista. Contudo, toda esta tese debate-se com a inexistência de bases seguras que comprovem a antiguidade, envolta sobretudo em crenças alimentadas por uma historiografia de forte teor nacionalista<sup>2</sup>. Mesmo que ainda não tenham surgido provas concretas desta presença, cientes de que até podem nem surgir, há que ponderar e tomar uma posição bastante crítica sobre estas ideias fortemente influenciáveis para o erro. Paulo Almeida Fernandes, num texto sobre a Igreja

Matriz de Alcochete, defende a necessidade de se “*desmistificar a suposta identificação de uma mesquita sob os [seus] alicerces (...), pelo menos até que surjam indícios seguros (...)*” (Fernandes, 2003, p. 14).

As peças arqueológicas, sobre as quais se debruça o presente artigo, chegaram a ser interpretadas por Luís Santos Nunes como “*um eloquente testemunho do passado árabe desta antiquíssima povoação*” (Nunes, s/d, p. 326). Sobre o seu original contexto arqueológico não sobreviveram grandes descrições. De acordo com a notícia da descoberta, surgiram “*em resultado das escavações realizadas no Largo do Troino, durante a obra municipal dos esgotos da vila, [encontrando-se] enterradas a 1,50 metros abaixo do leito da rua, cheias e envolvidas por espessa camada de areia*”.

Esta mesma notícia considera tratar-se de um conjunto “*de origem muçulmana, dos séculos XII ou XIII*” (s/a, 1952, p. 2)<sup>3</sup>.

O autor que recentemente desmistificou a Igreja Matriz, nesse mesmo trabalho defende que as presentes peças “*correspondem já a um período avançado, na transição para o séc. XVI, precisamente o momento da maior importância histórica do local*” (Fernandes, 2003, p. 14).

O trabalho desenvolvido nas linhas seguintes, ao retirar a “responsabilidade” depositada nas últimas décadas, sobre este conjunto cerâmico, não vem, contudo, desvalorizá-las face ao seu verdadeiro contexto cronológico.

## 2. Descrição das peças

Este conjunto é composto por uma jarra e dois jarros e não subsistem dúvidas relativamente aos termos — “jarra” e “jarro” — serem aqueles que melhor designam as nossas peças. As jarras, apesar da grande variedade morfológica, caracterizam-se pelo seu bojo aproximadamente globular sobre o qual assenta, de forma destacada, um colo alto. Duas asas, opostas entre si, unem-se ao colo e ao bojo (Martí e Pascual, 1995, p. 164-165). Eram destinadas sobretudo a servir água e vinho à mesa (Gutiérrez, 1995, p. 33-44).

Por sua vez os jarros, actualmente também designados por *pitxer*, acabam por ter uma forma menos comum e a sua variedade formal é muito menor, caracterizando-se pelo seu colo alto, donde parte uma asa dorsal robusta, terminando no bojo. No topo do colo, oposto à asa, encontra-se o vertedor (Martí e Pascual, 1995, p. 165; Gutiérrez, 1995, p. 36-37).

Passemos agora à descrição morfológica e decorativa do conjunto (Fig. 1):

### 1

A jarra, com número de inventário MM169 é uma peça assente num fundo com pé anelar, de 12 cm de diâmetro, fechando conicamente até se anexar a um bojo de forma aproximadamente globular, com 16,4 cm de diâmetro. Sobre este assenta um colo alto, ligeiramente troncocónico, com 8,9 cm de diâmetro na respectiva união com o bojo, e de 10,7 cm no seu topo. A peça possui uma altura de 28 cm. A meio do hemisfério superior do bojo, nascem, opostas entre si, duas pequenas asas que descrevem uma circunferência quase perfeita até se unirem à parte inferior do colo. Ambas possuem uma secção circular com 1,2 cm de diâmetro. Por seu lado, a secção da peça apresenta paredes bastante finas, alargando ligeiramente à medida que se aproxima do fundo.

A sua superfície (interna e externa) levou previamente um banho de esmalte de vidro esta-nífero, servindo de base para a sua decoração. Apesar de esta se encontrar já bastante diluída, são ainda bem perceptíveis motivos a traço azul, obtidos através de um preparado à base de cobalto. Sensivelmente a meio do hemisfério inferior do bojo existe apenas uma linha.

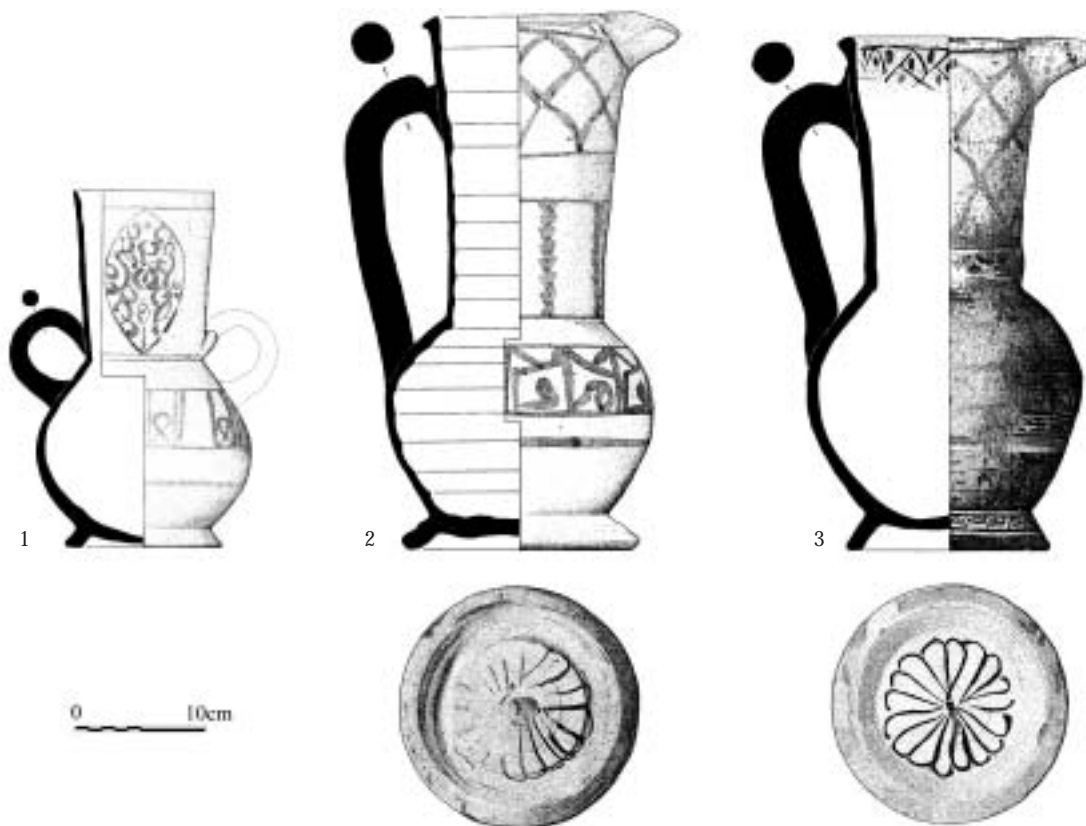


Fig. 1 Cerâmicas nazaris a azul e dourado, provenientes de Alcochete: 1 - Jarra; 2 e 3 - Jarros.

Na sua parte superior, uma banda com motivos caligráficos corre toda a circunferência. No colo, numa posição central entre as asas, existem duas pinhas, opostas entre si, seguras nos seus extremos por duas estreitas linhas. Estas pinhas ocupam praticamente toda a altura do colo. Também no colo, sobre uma das asas, encontram-se traços muito ténues de espirais, de tonalidade castanho clara. Estes motivos, muito pouco perceptíveis, já não se encontram sobre a restante superfície da peça.

## 2

O jarro, com número de inventário MM168, possui uma larga base com pé anelar, com 17,7 cm de diâmetro, a qual ascende conicamente até um bojo globular de 19,7 cm de diâmetro. Daqui nasce um longo colo de forma ligeiramente troncocónica, com 11,6 cm de diâmetro mínimo e 17 cm de diâmetro máximo. O seu topo termina num bordo com espessamento triangular externo e num bico vertedor moldado, destacando-se 4,5 cm para o exterior da peça. A sua altura é de 41,5 cm. Oposto ao bico, ligeiramente abaixo do bordo, nasce uma asa robusta que se estende dorsalmente, morrendo no início do hemisfério superior do bojo. A sua secção é circular, com um diâmetro de 3 cm.

No que concerne à decoração, existe uma banda com motivos caligráficos ao redor de toda a parte superior do bojo e uma linha paralela abaixo desta. A decoração do colo compõe-se de troncos de palmeira, dispostos longitudinalmente na parte inferior do mesmo, enquanto que no topo se encontra uma faixa de palmeiras dissimétricas. Estas duas faixas do colo

encontram-se interrompidas na zona da asa. Toda esta decoração é em azul-cobalto sobre a superfície branca estanífera. O ônfalo apresenta uma roda de raios curvos, perspectivando movimento, de tonalidades castanho escuras.

### 3

O jarro com o número de inventário MM170, apresenta a mesma base tipológica em comparação com o caso anterior. A principal diferença ocorre na relação das proporções entre bojo/colo, ou seja, o actual caso regista um bojo ligeiramente maior, e consequentemente um colo menos alto. As dimensões são praticamente as mesmas com os diâmetros de 16 cm no pé, 21 cm no bojo, 12,5 cm no colo inferior e 16 cm no bordo. A sua altura é de 40 cm.

A nível da decoração apresenta características bastante curiosas: os motivos a azul limitam-se a um reticulado em redor de toda a superfície superior do bojo, com uma única linha na parte inferior. O colo encontra-se praticamente todo coberto por palmeiras dissimétricas, sobejando uma pequena lista na sua parte inferior.

Apesar da superfície apresentar muita congregação de areias, são muito bem perceptíveis decorações a castanho, a preencher os espaços por entre as linhas azuis. A parte inferior do bojo compõe-se por uma grossa barra, um conjunto de finas linhas paralelas e um cordão. Por sua vez, a parte superior é preenchida por um extenso e fino reticulado, que se espalha por entre o reticulado mais grosso a cobalto. No início do colo surge uma barra preenchida por lírios encadeados. Os espaços brancos contornados pelos losangos das palmeiras dissimétricas foram preenchidos por motivos onde dominam as pequenas espirais e possivelmente pequenas árvores da vida. Dá para subentender que toda a superfície externa da peça se encontrava ricamente ornamentada, estando, inclusivamente, a própria asa coberta por este esmalte acastanhado. O topo da face interna da peça encontra-se preenchido por palmeiras dissimétricas, um pouco irregulares, dada a inacessibilidade desta superfície, retocadas com um ponto ao centro (Fig. 2, n.º 6). À semelhança do jarro anterior, no seu ônfalo encontra-se o mesmo motivo, uma roda de raios curvos, assemelhando-se a pétalas de malmequer.

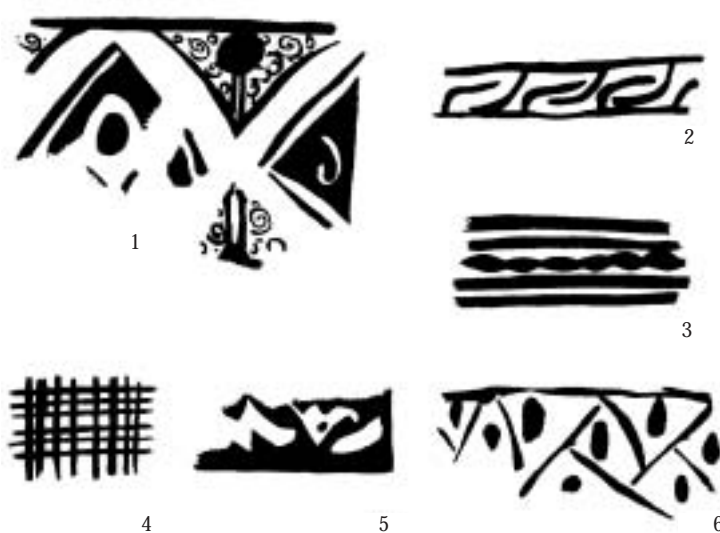


Fig. 2 Motivos a dourado patente no jarro 3: 1 – possíveis estilizações do “hom”, preenchido por pequenas espirais; 2 – motivo desconhecido; 3 – cordão; 4 – reticulado; 5 – lírios encadeados; 6 – possíveis palmeiras dissimétricas.

### 3. Análise

Este conjunto cerâmico enquadra-se no horizonte das produções hispano-muçulmanas da cerâmica a azul e dourado. Tal indústria de luxo requeria uma técnica bastante avançada, bem como um dispêndio elevado. Antes de se proceder à decoração, a peça era banhada com uma base estanífera e conseqüentemente cozida a uma temperatura na ordem dos 800 graus, o que lhe dava uma configuração esmaltada branca. Nesta cozedura procedia-se igualmente à vitrificação do azul, obtido à base do cobalto. O dourado resultava de uma mistura à base da trituração de sulfato de cobre e de prata, almagra — peróxido de ferro — e cinábrio — bisulfato de mercúrio —, dissolvido em vinagre, e após a sua aplicação sobre a peça, requeria uma cozedura muito especializada, assente no controlo de uma temperatura ideal de 600 graus, sob uma atmosfera redutora (Martínez Caviro, 1991, p. 76, 1995, p. 145).

A produção de louça dourada poderá ter reminiscências já desde o século IX, na dinastia omíada instalada em Damasco, mas as produções do Al-Andalus deverão ter tido início presumivelmente a partir da segunda metade do século XII, inícios do XIII, destacando-se os dois grandes pólos de Valência e Granada. Com as pressões cristãs dos reis de Aragão, e consumada a conquista de Valência por parte de Jaime I, o Conquistador, entre 1229 e 1245, a produção oleira de luxo não decaiu, continuando a ser assegurada pelos próprios oleiros árabes.

Tal facto suscita actualmente uma grande problemática entre produções mudéjares valencianas e produções mouriscas granadinas, mais especificamente de Nazarí, com graus de semelhança tal, sendo difícil reconhecer em qual dos horizontes se enquadra uma determinada peça (Martínez Caviro, 1991, p. 124-125). Para além desta similitude artística, o facto de descenderem da mesma origem comum, e de se tratarem de produções contemporâneas, são tudo aspectos que contribuem para uma dificuldade acrescida de classificação. Para Martínez Caviro (1991, p. 141-142), “*la simbiosis entre al-Andalus y los reinos de Castilla y Aragón, claramente perceptible tanto en el arte nazarí como en el mudéjar, explica las concomitancias entre las lozas de Malíqa [Málaga] y las de Manises, y la dificultad, en ocasiones, para distinguirlas*”.

### 4. Classificação

Durante o nosso estudo também nos deparámos com estas mesmas dificuldades. Para tal, tivemos em consideração os seus aspectos tipológicos e decorativos, baseando-nos numa análise comparativa com paralelos reconhecidos em bibliografia específica, conscientes, porém, que só com análises químicas das pastas se obteriam certezas definitivas.

Relativamente à jarra, facilmente encontramos paralelos tipológicos atribuídos às fábricas da região de Granada (Flores Escobosa e Muñoz Martín, 1995, p. 195, fig. 19.3, n.ºs 5 e 7), enquadráveis no séc. XIV. A mesma forma insere-se no tipo II das jarritas de Álvarez García e García Porras, associada a produções “*nazaríes de su período más clásico o floreciente, esencialmente el siglo XIV*” (Álvarez García e García Porras, 1999, p. 155, 164 e 173). Também para um outro lote de cerâmicas provenientes de Málaga, este tipo de jarra é enquadrado em produções do século XIV (Salado Escaño et al., 1999, p. 229, 230 e 245). Flores Escobosa e Muñoz Martín, inserem esta tipologia no seu grupo 10 das produções de jarras nazarinas do século XIV (Flores Escobosa e Muñoz Martín, 1995, p. 250-252).

Apesar da grande variedade tipológica de jarras, este modelo específico foi próprio das produções Nazarí, não se reconhecendo qualquer bibliografia que refira paralelos para o mundo valenciano.

Por sua vez, os jarros já correspondem a uma forma presente tanto em Valência como em Granada. Para a região valenciana, esta forma é atribuível ao século XIV, carecendo contudo de precedentes tanto na tradição islâmica local como na catalã (Martí e Pascual, 1995, p. 166-168). Para as produções do al-Andaluz, conhecem-se poucos exemplares, sendo os melhores preservados os dois casos de Bérchules, provenientes de Málaga (século XV) (Matínez Caviro, 1991, p. 78, 79, 1995, p. 56), um de Granada, do século XIV (Flores Escobosa e Muñoz Martín, 1995, p. 254-255) e uma outra peça descoberta em Cirencester, na Inglaterra, dos inícios do séc. XV, também associada a Málaga (Gerrard, 1995, p. 2, 3). Tipologicamente apenas apresentam uma ligeira diferença em relação aos nossos casos, notando-se um disfarce na união do bojo com o colo. De qualquer modo, enquadram-se na família dos paralelos aqui expostos. De referir que, segundo Martínez Caviro (1991, p. 78), os exemplares espanhóis foram ambos produzidos em molde à excepção da asa e verdedor, modelados directamente pelo oleiro, ao contrário dos nossos exemplares, sendo ainda bem perceptíveis na superfície interna dos colos as estrias deixadas pelos dedos dos artesãos.

Como vimos, ao invés da jarra, portadora de características nitidamente do horizonte de Nazari, a tipologia dos jarros dilui-se entre as duas grandes fábricas de Valência e de Málaga. Restamos a componente decorativa, sendo, porém, também difícil e perigoso traçar fronteiras concretas na distinção.

De entre o vasto reportório ornamental adoptado, interessa-nos apenas frisar os temas inerentes aos nossos casos, ou sejam, epigráficos, geométricos e vegetalistas.

A epigrafia encontra-se representada nas peças n.ºs 1 e 2, com os tradicionais *al-afiya* (= saúde), sempre a azul-cobalto. Contudo, este motivo é comum para as duas regiões<sup>4</sup>. Na jarra, sobre o colo, encontram-se duas pinhas opostas entre si, e nos jarros dominam as palmeiras dissimétricas em forma de losango, estando o caso n.º 2 enriquecido com troncos da mesma espécie arbórea, sendo todo um conjunto de temas representado a azul-cobalto. Apesar de pouco perceptível, no jarro n.º 3 reconhecem-se também outros temas de plantas, pintados a dourado, a preencher os espaços deixados pelo cobalto: são eles os lírios encadeados (Fig. 2, n.º 5), também utilizados em Manises no século XV, mas de origem malaguenha; os pequenos “hom”, ou árvore da vida (Fig. 2; n.º 1); e possíveis palmeiras dissimétricas a ornamentarem o interior da peça (Fig. 2, n.º 6).

As decorações geométricas podem ser simples listas, quer a azul, quer a dourado, o reticulado, também nos dois tipos de colorações (peça n.º 3), e as pequenas espirais inscritas em compartimentos (Fig. 2, n.º 1). Este último motivo, apesar de já muito apagado encontra-se igualmente no colo da jarra. De referir ainda uma linha tipo cordão e um outro motivo encadeado<sup>5</sup>, patente ainda no jarro n.º 3 (Fig. 2, n.ºs 5 e 2). São tudo motivos que entram igualmente no reportório decorativo mudéjar. Embora a pintura a dourado esteja já muito dissipada no conjunto geral das três peças, o que reduz substancialmente a panóplia de motivos decorativos, aqueles que aqui foram registados enquadram-se todos eles no leque dos motivos utilizados pelos oleiros de Nazari. Apesar de os mesmos motivos também terem sido absorvidos pelas fábricas mudéjar valencianas, mais propriamente de Manises, visto que a produção continuava a ser assegurada por oleiros árabes, estas peças passaram a reflectir um conjunto de inovações decorativas, próprias da influência cultural cristã, tal como caligrafia gótica e outros fitomorfos (salsa, rosa, folha de cardo, folha de hera, etc.), motivos esses não constatados em nenhum dos nossos exemplares. Apesar de este ser um argumento com pouca sustentabilidade, podemos aqui afirmar (contudo, uma afirmação plena de reservas) que estes nossos dois jarros deverão provir de olarias granadinas. A reforçar esta ideia, junta-se ainda um pequeno particularismo: o fundo de ambas as peças possui um outro ornamento a dourado — uma roda de raios curvos, assemelhando-se a pétalas de malmequer. Ora este elemento decorativo só foi igualmente registado em peças de produções Nazaris<sup>6</sup>.

## 5. Conclusão

Estas peças inserem-se no conjunto das produções de Nazarí, cujas principais olarias se sedavam em Málaga. Contudo, não devemos ser estanques em relação a esta ideia, visto que os jarros também assumem muito da continuidade das características islâmicas, adoptadas nas produções mudéjares de Manises. A sua produção enquadra-se numa cronologia de finais do século XIV, inícios do século XV. Temos, porém, de considerar que este tipo de peças, de características luxuosas, seria manuseado com uma atenção redobrada, o que lhes confere uma diacronia bem mais vasta, em comparação com a cerâmica habitualmente utilizada nas tarefas quotidianas. Exemplo disso, são as louças finas que herdámos dos nossos avós e que hoje continuamos a guardar com tanta estima.

Estes produtos de luxo, integrados em rotas comerciais asseguradas por barcos catalães, genoveses e venezianos, eram distribuídos até Norte da Europa, sendo absorvidos, ao longo da sua rota, por grandes capitais como Lisboa e Londres. As terras britânicas tinham assumido um comércio anglo-espanhol de considerável magnitude (Childs, 1995, p. 17-23). Lisboa encontrava-se sobre estas rotas, o que lhe permitia estar sempre actualizada em relação “às modas da época”, ou seja, o mundo Islão do al-Andaluz. Portugal também absorveu muito da arte mudéjar, bem patente na arquitectura de finais do século XV, sendo o Palácio de Sintra um dos nossos melhores exemplos.

A cerâmica também é reveladora deste gosto pela cultura muçulmana, estando, contudo, ainda mal documentada nos estudos que se têm vindo a fazer no nosso país. Em Silves existe um outro jarro, com decoração a azul e dourado, de forma idêntica aos de Alcochete, proveniente da região valenciana ou andaluza, detectado em estratos do século XV (Gomes, 1996, p. 75).

Em escavações recentes, efectuadas no antigo mercado de Palmela, também foram identificados em contextos do séc. XV alguns restos cerâmicos azul e dourada, provenientes de Valência e Granada, com fortes indícios de um dos fragmentos se tratar de um jarro. Também em Sesimbra e Setúbal há referências da existência de cerâmica do mesmo tipo<sup>7</sup>.

Não é de todo o modo estranha a presença destes objectos de luxo em Alcochete. Pelo menos desde D. João I que a família régia a elegeu como local de descanso e de lazer. Estas cerâmicas foram pertença de alguém com estatuto social relevante. Martínez Caviro (1991, p. 78) chega a defender que o magnífico exemplar de jarro de Bérchules foi pertença “*sin duda de los reyes y cortesanos granadinos*”.

Terão estas peças figurado na mesa dos banquetes da Corte, em Alcochete?

## NOTAS

<sup>1</sup> Arqueólogo do Museu Municipal Câmara Municipal de Alcochete

<sup>2</sup> Vejam-se as seguintes referências: Pereira e Rodrigues, 1904, p. 107; Cândia, 1939, p. 89; Estevam, 1948, p. 82; Nunes, 1972, p. 275; Duarte, 1993, p. 25; Graça, 1998, p. 14.

<sup>3</sup> Agradecemos a informação desta notícia, prestada pelo Dr. José Manuel Vargas.

<sup>4</sup> Flores Escobosa e Muñoz Martín (1995, p. 251, fig. 19.3, des. 5), apresentam uma jarra com caligrafia azul-cobalto proveniente de Granada, ao passo que Martínez Caviro (1995), também exhibe

várias peças com caligrafia árabe, oriundas de Manises, datadas de entre a segunda metade do século XIV e inícios do século XV

<sup>5</sup> Martínez Caviro (1991, p. 141) publica um “porró” com este mesmo motivo decorativo, produzido em Manises, em começos do séc. XV.

<sup>6</sup> Temos o exemplo do jarro de Cirencester (Gerrard, 1995, p. 3) e de uma tigela (Flores Escobosa e Muñoz Martín, 1995, p. 260, fig. 19.8.3)

<sup>7</sup> Informações gentilmente prestadas por António Rafael Carvalho, Arqueólogo no Serviço de Arqueologia da Câmara Municipal de Palmela.

## BIBLIOGRAFIA

- Anónimo (1952) - Achados arqueológicos em Alcochete. *A Voz de Alcochete*. Alcochete. 46, Abril de 1952, p. 2.
- ÁLVAREZ GARCÍA, J. J.; GARCÍA PORRAS, A. (1999) - El ajuar doméstico nazarí: la cerámica de las huertas del Cuarto Real de Santo Domingo (Granada). In *Transfretana, Revista del Instituto de Estudios Ceuties, Actas do Congreso Cerâmica Nazarí y Maríní, Ceuta, 31 Mayo – 2 Junio 1999*, p. 139-178.
- CÂNCIO, F. (1939) - *Ribatejo histórico e monumental*. Vol. II. S. l.: Junta da Província do Ribatejo.
- CHILDS, W. R. (1995) - Anglo-Spanish trade in the later middle ages (twelfth to sixteenth centuries). In GERRARD, C. M., A. GUTIÉRREZ, A.; VINCE, A. G., eds. - *Spanish Medieval Ceramics in Spain and the British Isles*. Oxford: *Tempvs Reparatvm* (BAR S610), p. 17-23.
- DUARTE, A. (1993) - *Igrejas e capelas da Costa Azul*. Setúbal, Região de Turismo da Costa Azul, p. 25
- ESTEVAM, J. (1948) - *A restauração da Igreja Matriz de Alcochete*. Lisboa: Couto Martins.
- FERNANDES, P. P. (2003) - A arquitectura e a escultura aplicada. In *A Igreja de São João Baptista de Alcochete*. Alcochete: Câmara Municipal, p. 13-75.
- FLORES ESCOBOSA, I.; MUÑOZ MARTÍN, M.ª del M. (1995) - Cerámica Nazarí (Almería, Granada y Málaga), siglos XIII-XV. In GERRARD, C. M., A. GUTIÉRREZ, A.; VINCE, A. G., eds. - *Spanish Medieval Ceramics in Spain and the British Isles*. Oxford: *Tempvs Reparatvm* (BAR S610), p. 245-277.
- GERRARD, C. M. (1995) - Introduction. In GERRARD, C. M.; GUTIÉRREZ, A.; VINCE, A. G., eds. - *Spanish Medieval Ceramics in Spain and the British Isles*. Oxford: *Tempvs Reparatvm* (BAR S610), p. 1-10.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; CARDOSO, J. L. (1996) - Aspectos do quotidiano numa casa de Silves, durante o século XV. *Xelb*. Silves. 3, p. 33-78.
- GRAÇA, L. (1998) - *Edifícios e monumentos notáveis de Alcochete*. Lisboa: Elo.
- GUTIÉRREZ, A. (1995) - Questions of terminology in the study of Spanish medieval ceramics. In GERRARD, C. M., A. GUTIÉRREZ, A.; VINCE, A. G., eds. - *Spanish Medieval Ceramics in Spain and the British Isles*. Oxford: *Tempvs Reparatvm* (BAR S610), p. 33-40.
- MARTÍ, J.; PASCUAL, J. (1995) - Tradition and Innovation in Valencian pottery. In GERRARD, C. M., A. GUTIÉRREZ, A.; VINCE, A. G., eds. - *Spanish Medieval Ceramics in Spain and the British Isles*. Oxford: *Tempvs Reparatvm* (BAR S610), p. 159-176.
- MARTÍNEZ CAVIRÓ, B. (1991) - *Cerámica hispanomusulmana – andalusí e mudéjar*. Madrid: Ediciones el Viso.
- MARTÍNEZ CAVIRÓ, B. (1995) - *El arte nazarí y el problema de la loza dorada, Arte islámico en Granada: propuesta para un Museu de la Alhambra*, Junta de Andalucía, Consejería de Cultura, Patronato de la Alhambra y Generalife, Granada: Editorial Comares.
- NUNES, L. S. (s/d) - *Vila de Alcochete e seu Concelho*. Lisboa: Silvas – CTG
- PEREIRA, E.; RODRIGUES, G. (1904) - *Portugal: dicionário histórico, chorographico, heráldico*, Vol I. Lisboa: João Romano Torres
- SALADO ESCAÑO, J. B.; RAMBLA TORRALVO, A.; MAYORGA MAYORGA, J. (1999) - Nuevas aportaciones sobre cerámica de época nazarí en la ciudad de Málaga. *Transfretana, Revista del Instituto de Estudios Ceuties, Actas del Congreso Cerâmica Nazarí y Maríní, Ceuta, 31 Maio – 2 Junho 1999*, p. 221-257.